

*

* *

BRAY (Arturo). — **Solano Lopez, soldado de la gloria y del infortunio**. 2.ª edição, 1958. Ediciones Nizza. Buenos Aires, brochura, 283 pp.

O Autor inicia a sua obra com um prefácio onde são enumeradas as dificuldades existentes para um levantamento de documentos sobre Solano Lopez. Aponta a dispersão de documentos pelos continentes americano e europeu, indica também a impossibilidade pessoal de usar o **Archivo Nacional de Asunción**. Estas afirmações, desde o início, já nos dão uma idéia das limitações da obra.

Após a Introdução há uma afirmação de imparcialidade perante as duas correntes de idéias que existem sobre o assunto. O Autor não pretende ser **lopista** e nem **anti-lopista**. As causas das duas correntes são analisadas por êle. No mesmo capítulo é defendida a idéia de que não é possível estudar os problemas relacionados sem estudar também os vários países do Prata. Mas, de início, destacamos um dos pensamentos do Autor, que nos mostra qual a posição que irá tomar no decorrer da obra:

“aceptar a Solano Lopez es justifiar la causa nacional, renegar de hel es hacer-le el juego de los sofismas inspirados y creados por la Triple Alianza, actitud que ningun paraguayo de fibra pura puede aceptar...” (página 15).

O Autor prossegue tentando fazer uma síntese da personalidade de Lopez e tende a colocar os problemas dentro dos moldes científicos de uma nova história imparcial. Tenta o Autor acompanhar a corrente histórica que coloca os homens na dependência quase total das tendências históricas do momento em que vive.

O prólogo é muito esclarecedor, pois sob os esforços do Autor para dar à sua obra uma tendência imparcial, notamos ecoar o sentimentalismo patriótico, tão característico dos homens latino-americanos, o que é feito com fino estilo literário.

A divisão da obra é simples e satisfaz diretamente o roteiro traçado. Além do prefácio existem quatro capítulos: a Terra, o Homem, o Presidente, o Marechal.

A Terra: — O Capítulo é iniciado com um estudo da colonização espanhola. A forma literária, quase poética em alguns trechos, torna a leitura agradabilíssima, fugindo à forma árida das obras estritamente científicas.

O Autor afirma que o indígena da região do Prata é de origem antilhana. Para êle os indígenas não foram preparados pelas reduções jesuíticas para formarem mais tarde uma nação livre:

“El espíritu y organización de los jesuitas no fueran asimilados por la sociedad paraguaya, ni sirvieron de prólogo y pedestal a una cultura definida o a un rasgo característico de sus habitantes” (página 23) (1).

Continuando na análise da colonização, o Autor procura provar que a América Latina de origem espanhola deve suas tendências revolucionárias e caudilhascas à formação colonial.

O sentimento do Autor no seu julgamento é bastante ardoroso, não escapando às suas críticas acerbas nem mesmo os padres. Falteu-lhe muitas vezes a frieza de um verdadeiro historiador.

Para o Autor as glórias da luta pela emancipação cabem à influência inglesa, francesa e norte-americana, e toda a culpa da ignorância e da indigência espiritual dos *criollos*, cabe à Espanha.

Ao estudar o Paraguai independente a figura de França é ressaltada como o homem que deu bases para o desenvolvimento da nação. Mas também explica a falta de homens brilhantes na política do Paraguai, mesmo depois de 1870, devido ao clima do obscurantismo criado por França.

Após a análise histórica da formação do povo paraguaio o Autor faz uma análise geral das características deste povo. Nega a crença generalizada sobre a belicosidade do povo paraguaio; para ele foram as circunstâncias posteriores à grande guerra que tornaram o paraguaio um irrequieto revolucionário.

A defesa que o Autor faz de seu povo é a tradução de uma realidade histórica que o Paraguai enfrenta no decorrer de sua existência. É interessante a análise do círculo vicioso a que o paraguaio encontra-se preso, de um ditador a outro:

“Por eso, cuando estalla una revolución, corre a alistarse en las filas de uno o otro bando; de ese modo, rompe con la esclavitud monetaria de su arado y escapa a la férula de caciques y mandones de su pueblo” (página 42).

O Autor termina este capítulo fazendo uma análise profunda e precisa do homem paraguaio e dos problemas daquela nação. É uma síntese valiosíssima que auxilia muito a compreender os problemas desse povo, apesar de que foge bastante ao período estudado, abrangendo até a época contemporânea. Este capítulo é muito esclarecedor, não só pelas informações que o Autor nos dá, mas também pela análise indireta que podemos fazer do próprio Autor.

O Homem: — O capítulo é iniciado com uma descrição do Paraguai sob o sistema político do Dr. França. É um ambiente de clausura e ditadura férrea, de vida singela e amedrontada; é este o cenário que nos pinta o Autor, e é neste ambiente que nasce e cresce Solano Lopez, no seio de uma família burguesa.

(1). — O Autor segue a tendência de muitos autores contemporâneos, que querem divorciar totalmente o Paraguai atual da antiga Província Gigante. Esta tendência surgiu em 1918, quando Ricardo Rojas criticou o historiador Blaz Garay, devido às suas afirmações sobre a não discriminação do Paraguai político do jesuítico. Ver Efraim Cardozo, *Historiografía Paraguaya*.

Após o estudo do govêrno do Dr. Frância, segue-se o estudo das atividades reconstrutoras que o govêrno de Carlos Antônio Lopez empreendeu. Já neste capítulo aparece o Brasil como:

“heredero de la cobicia portuguesa, sostiene firme sus avances hacia la cuenca del Plata...” (página 68).

A Argentina também aparece, tentando impor sua hegemonia sôbre os componentes do antigo Vice-Reinado do Prata.

O Autor acusa também o Brasil de tentar jogar o Paraguai contra a Argentina, por intermédio do Conselheiro Antônio Manuel Corrêa Câmara. E dêstes acontecimentos, assim apontados, é que êle tira os prenúncios da Guerra do Paraguai.

Após a análise do Paraguai perante o Prata, volta à análise de Lopez. Aparece-nos um Lopez militarista, que desde sua juventude, praticamente, dedicou-se à organização de um exército. Já aqui aparece uma falha que será constante na obra. O Autor faz afirmações categóricas, mas não são baseadas em citações documentais constantes. As inúmeras transcrições de documentos que surgem não são acompanhadas de indicação da localização das fontes. O Autor faz excelentes raciocínios e tira conclusões finais, sem ter indicado os documentos, nem as origens de suas afirmações.

Ao analisar a campanha de Corrientes, em 1846, procura mostrar quão imaturo estava o Paraguai em questões militares, pois segundo seu ponto de vista todos os esforços de Solano Lopez não conseguiram vencer os males da clausura do Dr. Frância.

A viagem de Lopez à Europa é descrita em páginas finamente elaboradas e o Autor demora-se descrevendo de maneira muito agradável e romanesca os primórdios das relações de Lopez com Madame Lynch (2).

No conflito entre Buenos Aires e a Confederação surge o Paraguai como um país pacifista, desinteressado, visando apenas a harmonia entre os países do Prata. Mas êste desinterêsse não seria recompensado, e posteriormente o Paraguai seria jogado nas auguras de uma guerra injusta:

“...San Cristobal sigue apuntando a la desmembración y distanciamiento de los pueblos de origen hispanica; aislar a Buenos Ayres, ganar-se al Paraguay y segregar Entre Rios y Corrientes...” (página 96).

Como sempre o Autor afirma, mas não fundamenta, a origem de suas citações.

O Presidente: — Êste capítulo é iniciado com a descrição de um banquete oficial, onde aparece a grande capacidade literária do Autor.

(2). — Como o Autor pretende provar que Lopez não tinha intenções bélicas contra os países do Prata, suprimiu na análise da viagem de Lopez à Europa toda a parte referente à compra de armas, contrato de técnicos militares, etc. Fato que já foi amplamente comprovado por inúmeros estudiosos do assunto. Ver Horton Pelhan Box, *Los origines de la Guerra de la Triple Alianza*. Ediciones Nizza, 1958.

Após artística introdução, o Autor procura explicar o armamentismo de Lopez como única medida defensiva contra o Brasil. Lopez acreditava que a questão de limites, que então o Brasil procurava solucionar, era um disfarce para as suas tendências expansionistas sobre o solo paraguaio. O Autor também continua acreditando naquelas idéias. Para comprovar suas teorias, lança mão de uma carta que o Ministro dos Estados Unidos, residente no Paraguai naquela época, teria enviado ao Secretário de Estado norte-americano Seward, onde prometia o apóio dos Estados Unidos ao Paraguai, se Lopez pretendesse dar:

“...una paliza al Brasil o a otro cualquiera de sus vecinos...”
(página 127).

A transcrição do texto desta carta não está acompanhada da indicação de sua origem e localização, portanto é um assunto que fica em aberto (3).

Ao analisar os acontecimentos uruguaiois que antecederam a conflagração da Grande Guerra, o que é feito com numerosa transcrição documental, repete a falha de não indicar a localização ou a origem dos documentos citados. O Autor procura mostrar que o governo uruguaio procurou por inúmeros meios envolver o Paraguai nos conflitos que então se sucediam. Lopez aparece esquivo, procurando evitar a armadilha. Mas para a sua infelicidade, faltou-lhe maior tino diplomático. Vemos então o Paraguai envolvido numa complicada trama diplomática que acaba por comprometê-lo no conflito que então ocorria entre o Uruguai e o Brasil. Mas o Autor frisa bem que tudo aconteceu independentemente do verdadeiro desêjo de Lopez, que era a pacificação do Prata.

Após tentar negar a teoria que afirma ter Lopez iniciado muito antes daqueles acontecimentos uma política armamentista, o Autor nos mostra o Paraguai declarando guerra ao Brasil devido ao fato daquele último ter invadido o território uruguaio. Após a declaração de guerra, o Paraguai teria tomado pela força o navio brasileiro **Marquês do Olinda** (4).

O Autor nos procura fazer crer que a causa do ditador realmente era justa. Continuando suas afirmações, coloca uma questão, sem no entanto respondê-la:

“...Porque abierto queda sempre el interrogante: ¿Era acaso fatal e inevitable la agresión del Brasil despues de haber dominado al Uruguai?...” (página 150).

-
- (3). — O Autor ao transcrever a carta, não notou que apontava um lado muito importante da questão. Esta carta coloca o problema de indagarmos até que ponto os Estados Unidos estariam envolvidos no conflito. Portanto, a localização do documento é fundamental, pois poderá ser uma pista para outros documentos mais importantes.
- (4). — Aqui o Autor repetiu um erro cronológico, esclarecido há muito tempo por vários estudiosos do assunto. O Paraguai primeiro apossou-se do **Marquês de Olinda**, isto é, no dia 13 de novembro de 1865 e somente no dia 14 mandou-nos a sua declaração de rompimento de relações.

Depois de várias divagações sôbre as possibilidades do Paraguai, faz uma análise da vida particular de Lopez com Madame Lynch, e prolonga a questão fazendo uma interessante análise sociológica sôbre o fenômeno do concubinato no Paraguai de então. Nota-se claramente neste parágrafo o espírito satírico, que é tão característico do paraguaio.

Quanto ao rompimento de relações com a Argentina, apresenta Urquiza como o grande culpado, procurando isentar Lopez da culpa de ter invadido o território argentino. Para tal, baseia-se no fato de que o território invadido pertencia realmente ao Paraguai desde 1806, assunto que estuda com vários detalhes.

Defendendo sempre o ditador, o Autor tenta provar também que não foi errada a atitude de Lopez ao declarar guerra ao Brasil.

O Marechal: — Este capítulo é o triste resumo das batalhas, do fim de Lopez e do exército paraguaio. Os acontecimentos são descritos e analisados com maestria literária, o que dá à obra, às vezes, uma intensa dramaticidade.

O capítulo é iniciado com várias considerações sôbre os métodos de organização das tropas de um exército em guerra. Estas considerações são feitas com o fim de explicar e desculpar a excessiva centralização do comando na figura de Solano Lopez. Realmente, é imputado a Lopez o gravíssimo erro de não ter subdividido seu comando entre oficiais subordinados. A sua excessiva centralização e ausência no campo de batalha, foram alguns dos fatores fundamentais do fracasso das tropas paraguaias.

Ao analisar os acontecimentos de Uruguaiana o Autor não pôde deixar de culpar Lopez pelo fracasso daquela campanha.

Depois de várias considerações sôbre fatos ligados à marcha dos combates, destacamos os estudos do Autor sôbre as causas da lentidão do desenrolar da guerra.

E' interessante o estudo que faz da conferência de Yataiti corá. A pretexto daquela conferência o Autor procura mostrar um Brasil imperialista e cruel, pois:

“...La causa del Paraguay... “estava” ...irremediavelmente selada, más que por el tratado famoso, por la decisión de San Cristobal de establecer en nuestro país un gobierno vasallo...”.

Após a análise dos acontecimentos internos do Paraguai naqueles trágicos dias, e das últimas batalhas, temos a pungente e dolorosa narração do trágico fim das tropas de Lopez e finalmente dêle mesmo. Nestes últimos parágrafos o Autor não poupa ao Brasil as mais graves acusações.

A obra é interessante sob o aspecto de que nos mostra uma nova visão dos acontecimentos estudados. As considerações do Autor colocam inúmeros problemas e dá margem para muitas discussões. Iniciou o Autor sua obra pretextando imparcialidade, mas empolgou-se no decorrer da obra mostrando tendências acentuadas para o **lopismo**.

Lopez aparece como vítima de vários fatores adversos. Vítima de pretensões imperialistas do Brasil e da Argentina, do seu tempe-

ramento impulsivo, da falta de tino político, incompreensão da política internacional de então, e um excesso de confiança nas possibilidades próprias e de seu povo. O Autor pretendia analisar Lopez e aquela foi a tese central de sua obra.

O Autor chegou a conclusões definitivas sem no entanto ter analisado melhor os diversos países envolvidos na questão.

A Guerra da Tríplice Aliança foi um acontecimento muito complexo, devido à grande diversidade de fatores que influíram nas suas causas: questões internacionais, ideológicas, econômicas, sociológicas e particulares a cada país, etc. E' um trabalho exaustivo e extenso o estudo desse conflito, pois abrange um campo muito grande, e envolve inúmeras responsabilidades.

Não é possível estudar aquela guerra sem fazer um levantamento exaustivo da documentação existente em dois continentes, o que aliás foi esclarecido pelo Autor no início da sua obra.

Sem conhecer com bastante profundidade a história do Império brasileiro, suas tendências e política externa e interna, não é possível chegar a conclusões verdadeiras.

O Prata era naquela ocasião um enorme cadinho, onde estavam em fusão as mais desencontradas tendências. Sem conhecer a história dos países do Prata, naquele momento, também não é possível uma análise mais profunda desses acontecimentos.

Em conclusão, fazendo as necessárias ressalvas atinentes às dificuldades acima anunciadas, podemos concluir que o Autor soube aproveitar os elementos de que dispunha com muita inteligência. Os raciocínios são bem construídos. A forma é quase impecável dentro do estilo do Autor. A colocação de novos problemas são de grande utilidade para o estudioso do assunto e a análise do homem paraguaio é bastante profunda.

Trata-se de uma obra interessante e de utilidade para as pessoas estudiosas do assunto.

VIVALDO W. F. DAGLIONE

*

* * *

FREYRE (Gilberto). — **Ordem e Progresso. Obras reunidas.** 1a. série. Com 37 ilustrações. 2 tomos. Livraria José Olympio Editora. Rio de Janeiro. 1959.

A República do Brasil, ou melhor, à transição da Monarquia para a República que chegou até a merecer uma “interpretação materialista dialética”, no que concerne à sua **História** (1), e que tem recebido alguns estudos realmente bons, como é o caso da “interpretação burguesa” de José Maria Belo (“História da República”, 1889-1945), tirante as crônicas, histórias narrativas e mesmo análises (A. Carnei-

(1). — Leôncio Basbaum, **História Sincera da República**, de 1889 a 1930, 2 volumes.